

ESCOLA, HOMOFOBIA E ENSINO DE HISTÓRIA NO TEMPO PRESENTE

Jefferson da Silva Pereira ¹

Resumo: Uma das maiores dificuldades que a comunidade LGTB (Lésbicas, Gays, Transexuais / Travestis e Bissexuais) enfrentam nas escolas brasileiras é a homofobia. Caracterizada por atitudes de ignorância, preconceito, agressões físicas e/ou psicológicas, a homofobia é um tema que tem ganhado destaque nas discussões contemporâneas. Consideramos que a escola, espaço de fundamental importância para a cidadania, deve estar engajada nesse debate e deve proporcionar um ambiente acolhedor às diversidades humanas. Nesse sentido, o ensino de história pode ser fundamental para esse processo. Diante dessa problemática, esse artigo pretende analisar a importância do ensino de história para a desconstrução de preconceitos e de discriminações (sobretudo com a relação à população LGTB), à partir da História Social, ou seja, com base em uma perspectiva metodológica que ressalta a importância do indivíduo como sujeito histórico e da produção do conhecimento histórico, visando formar sujeitos produtores da história, não mais receptores passivos, espectadores de uma história de heróis e fatos. Portanto, o respeito à diversidade de gênero precisa ser incorporado ao ensino de história, assim como nos currículos escolares e às práticas pedagógicas, rompendo com a heteronormatividade naturalizada no âmbito das instituições escolares e suas representações, a fim de desconstruir preconceitos, ao invés de construí-los ou perpetuá-los.

Palavras-chaves: Escola. Homofobia. Ensino de História.

INTRODUÇÃO

Apesar de consideráveis avanços nos últimos anos, a sociedade brasileira não é capaz de compreender e respeitar a diversidade sexual, principalmente aqueles casos que rompem os modelos hegemônicos de sexo-gênero. Nesse sentido, a comunidade LGTB (Lesbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) enfrenta todos os dias inúmeros atos de preconceito e violência que se manifestam de diversas formas, tais como: através da violência física, verbal ou psíquica chamada moral, ou pela expressão limitadora do exercício dos direitos de todos cidadãos; pela negação do reconhecimento da diversidade sexual, e a naturalização do binarismo dos gêneros, separando desta forma todos os cidadãos que vivenciam suas identidades de gênero a partir de uma forma distinta da dominante.

¹Mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá (Bolsista CAPES/PPH) – jefferson.historiauem@gmail.com

A realidade escolar é muitas vezes comparada à realidade de seu entorno. O raciocínio configura-se como algo do tipo: se há violência na sociedade, isso vai se refletir no âmbito escolar; se há preconceito na sociedade, isso vai se reproduzir na escola; se há diferenças culturais, isso vai se espelhar na escola; e assim por diante. Faz-se necessária uma reflexão mais cuidadosa. É possível que características e fenômenos apresentados pela sociedade em que a escola está inserida, exerçam de alguma maneira, influência sobre o seu dia a dia, mas não necessariamente em uma relação de causa e efeito. Pode-se pensar que a escola reinventa o fenômeno social. Assim, se há violência na sociedade, questões ligadas à violência surgirão no ambiente escolar, mas de uma maneira reinventada. A escola nessa perspectiva, oferece uma reinterpretação do fenômeno de maneira singular, com especificidade nas manifestações (EPSTEIN & JOHNSON, 2000).

Partindo do pressuposto de que a escola é um espaço de cidadania, diversidade, inclusiva e aberta para todos os sujeitos com suas diferenças étnicas, raciais, de orientação sexual, de identidades e de gêneros diferentes, este artigo pretende dar visibilidade à trajetória escolar dos jovens homossexuais, mostrando a forma como alguns estudantes são submetidos à injúria e / ou omissão pedagógica por parte dos estudantes e dos educadores/as, em um espaço social (escola) que a princípio deveria promover o reconhecimento da diferença e do convívio com a diversidade. Posteriormente, destaca-se como o ensino de história pode ser crucial para a desconstrução de preconceitos e de discriminações para com a população LGBT².

O QUE É HOMOFOBIA?

Nos últimos anos cresceu exponencialmente as pesquisas relacionados ao estudo de gênero e diversidade sexual, o que fez a comunidade LGBT obter um importante e necessária visibilidade. Assim, para um estudo mais detalhado dessa abordagem, torna-se indispensável conceituar o termo *Homofobia*.

A origem do termo homofobia ainda é bastante disputada. Em algumas pesquisas é atribuída ao autor George Weinberg, enquanto que outros teóricos afirmam ter sido criado pelo psicólogo K. T. Smith, no início da década de 70 do século XX. Em ambas as situações o

² LGBT é a sigla que designa Lésbica, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABLGT; MARTINS; ROMÃO et al 2011).

conceito é apresentado como uma hostilidade e desconforto diante de homossexuais e, no caso dos próprios, o ódio por si mesmo³.

Ao problematizar esse conceito, Rios (2009, p. 53) entende que a Homofobia designa preconceito, antissemitismo, racismo, sexismo e homofobia são as expressões mais patentes do preconceito e da discriminação nos debates públicos e nas lutas sociais e políticas dos meados do século XX”. Desse modo, esses termos são usados atualmente para definir expressões e/ou sentimentos de aversão e ódio que se tem dos sujeitos da diversidade sexual.

Ainda acerca do termo homofobia, Borrillo destaca:

[...] a homofobia é a atitude de hostilidade para com os homossexuais[...] embora seu primeiro elemento seja a rejeição irracional ou mesmo o ódio em relação a gays e lésbicas, a homofobia não pode ser reduzida a isso. Assim como a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, ela é uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido a sua diferença, esse outro é posto fora do universo comum dos humanos. (BORRILLO, 2009 pag.15).

Nessa perspectiva, o termo homofobia é entendido como sinônimo do preconceito que leva à discriminação que a sociedade perpetua contra a população LGBT. Segundo Rios:

[...] o que é homofobia? Uma resposta rápida e direta, no horizonte deste estudo, divisa a homofobia como forma de preconceito que pode resultar em discriminação. De modo mais específico, e agora me valendo da acepção mais corrente, homofobia é a modalidade de preconceito e de discriminação direcionada contra os homossexuais (RIOS, 2009 pag.59).

Portanto, o termo homofobia designa medo, ódio e/ou aversão que resultam em desprezo pelos/as homossexuais, sujeitos esses que desafiam a heterossexualidade como norma conduta ‘normal’ em nossa sociedade. A homofobia, assim, tem sua raiz na heterossexualidade, que encerra em sua essência, a norma das relações sexuais humanas. Ao discutir essa problemática, Rios salienta.

As reações homofóbica violentas provém de sujeitos em grave conflito interno com suas próprias tendências homossexuais, resultantes da projeção de um sentimento insuportável de identificação inconsciente com a homossexualidade, donde á intolerância à homossexualidade (RIOS, 2009 pag.62).

Isso demonstra que os sujeitos que possuem aversão contra homossexuais, muitas vezes são levados a práticas violentas contra eles/as, pelo simples desassossego de poder vir a

³ A definição apresentada por Weinberg é: “The dread of being in close quarters with homosexuals and in the case of homosexuals themselves, self loathing”.

ser um/a igual, ou seja, por sentir desejos e/ou sentimentos que dão indícios de uma orientação sexual distante da heterossexualidade. Dessa maneira, a homofobia não é uma prática somente heterossexual, existe entre homossexuais que não aceitam a sua orientação sexual, que se esbarra no preconceito e na discriminação.

Diariamente, milhões de pessoas LGBTs sofrem homofobia. E grande parte da violência contra essa população ocorre no Brasil. De acordo com o Relatório Anual divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), no ano de 2016, foram documentados 343 assassinatos de pessoas LGBTs no Brasil, o que significa que a homofobia/ transfobia faz uma vítima fatal a cada 25 horas.

Entre os estados brasileiros, São Paulo é ocupa a primeira posição em número de mortos, com um total de 49 homicídios, seguido pela Bahia (32 mortes), Rio de Janeiro (30 mortes) e Amazonas (28 mortes). O único estado do Brasil que não registrou casos foi Roraima, que em 2014 liderou a lista. Entre as capitais, Manaus, com 25 mortes, foi a que registrou o maior número de assassinatos em termos absolutos, seguida de Salvador (17) e São Paulo (13). Foram documentados em 2016 assassinatos de LGBT em 168 municípios brasileiros. Dos 343 assassinatos, 173 eram gays, 144 travestis e/ou transexuais, 10 lésbicas, 4 bissexuais e 12 heterossexuais (parentes ou conhecidos de LGBTs que foram assassinados por algum envolvimento com eles ou por terem sido confundidos com gays).

A homofobia está presente em todos os espaços. Consequentemente, o ambiente escolar, configura para algum estudante um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de estudantes LGBT. É exatamente sobre essa abordagem que será discorrido no próximo tópico.

HOMOFOBIA NA ESCOLA

A escola é uma instituição que foi construída historicamente nas relações sociais com a função de ensinar crianças, jovens e adultos o conhecimento científicos das diversas áreas do conhecimento, assim como as relações humanas necessárias para o convívio social, por meio de direitos universais que aos poucos foi se estendendo a todos os sujeitos, e garantidos em forma de lei. Nessa perspectiva, a Constituição Federal de 1988, reafirmada pela Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB 9394/96, além de ampliar o direito à educação básica, propôs a inclusão como forma de universalizar e democratizar a educação básica brasileira (BRASIL, 2009). Entretanto, será que isso acontece na prática? Como é ser um estudante homossexual no Brasil?

Para responder essas e outras perguntas, foi realizado no primeiro semestre do ano de 2016 uma entrevista com dois estudantes do Colégio Estadual Alfredo Moises Maluf, localizado na cidade de Maringá, Paraná. Para preservar a identidade dos estudantes entrevistados, optou-se por denominá-los de “estudante A” (14 anos) e “estudante B” (15 anos).

A vivência da homossexualidade na escola é considerada pelos jovens como “difícil” e suas experiências estão permeadas por narrativas de violências, caracterizadas por atos de agressões moral e/ou física. Além disso, Xingamentos, deboches e humilhações são as atitudes mais mencionadas pelos jovens e geralmente esses atos são cometidos por outros alunos da escola. “Olha a vizinha dela... sabe, aquelas coisas que todos os gays que estudam escutam”, relata o Estudante B.

Ao analisar as humilhações sofridas pela comunidade LGBT nas escolas, Weeks, destaca:

As cenas envolvendo provocações rompem com a noção neutra e impessoal de respeito ao sujeito de direito e a convivência obrigatória conduz a uma forma de hierarquização das diferenças que se manifesta por meio de relações denominadas “brincadeiras”, “tiração de sarro” ou, genericamente, “zoação”, vista como desrespeito tolerável (WEEKS 1999 pag.64).

Há o reconhecimento entre os jovens entrevistados de que as brincadeiras de mau gosto e a homofobia interferem negativamente no processo de ensino-aprendizagem. Esta situação gera consequências graves para suas respectivas formações, assim como ameaça a presença desses alunos na escola.

Entre as consequências podemos citar: dificuldade de concentração no processo ensino-aprendizagem; pouca participação em atividades coletivas em sala de aula e extra sala; comportamento agressivo e evasão escolar. De acordo com o Estudante A:

Quase não dá pra prestar atenção na aula. Eu já fui expulso de tanto colégio por causa disso! Quando eles vem me “zuar” eu “taco” qualquer coisa que vejo na frente. O último, eu meti um lápis na mão dele(...)Os meninos faziam era questão de me desconcentrar, d colocar apelido, mas eu não tinha coragem de dizer pra diretora porque ela não gosta de mim. (Estudante A).

E continua:

A pessoa não fica à vontade na aula, não presta atenção na aula por conta de que ela não vai poder participar das aulas, com vergonha das pessoas (...) Muitas vezes a professora pergunta sobre a matéria... Muitas vezes eu deixo de comentar sobre a matéria, com medo do pessoal lá da sala fazer hora comigo. Quando têm trabalho em grupo, pra apresentar lá na frente, eu não vou! Eu nunca fiz trabalho pra apresentar lá na frente de todo mundo, porque eu tenho vergonha! Vergonha dos outros debocharem... Por causa da voz, sabe? Tenho vontade de apresentar, muita vergonha. (Estudante A).

Cabe ressaltar que os dilemas percebidos nas narrativas desses jovens enfatizam/ilustram as dificuldades de aprendizagem e permanência na escola em decorrência à exposição a situações de preconceito e discriminação diante de colegas e profissionais da educação configurados pela violência homofobia. Além disso, é válido ressaltar o modo de como estes jovens anseiam por uma mudança nas relações que envolvem a escola no sentido de serem “aceitos” como homossexuais. Ambos alunos consideram, a escola muito importante para suas respectivas formações, e esperam encontrar nesse espaço um local de respeito, de acolhimento, de paz.

De acordo com o estudante B:

No ano em que eu sai do armário (2014) foi tudo muito difícil, tanto em casa quanto na escola, tanto é que eu reprovei de ano. Não tinha vontade de sair do meu quarto, sabe? E quando eu vinha “pra” escola era pior, porque as pessoas me aborreciam, me xingavam de “bichinha” “neguinho viado”...E ninguém fez nada, nem professor, nem ninguém da direção.

Através das narrativas do vivido no cotidiano escolar de ambos estudantes, ficou muito claro que as ocorrências de atos de discriminação/agressão são por causa de suas orientações sexuais. Os jovens gays participantes revelam uma série de conflitos onde a orientação sexual parece definidora no processo de sociabilidade vivido na escola. Ademais, constatou-se que muitos professores abordam o tema com preconceito e desinformação.

Segundo estudante B:

Praticamente todos os professores são sabem lidar com os alunos gays...tem professor que diz que isso (ser homossexual) é uma fase, outra professora disse que eu preciso de ir em uma igreja... sabe, o professor parece que acham que a gente é gays porque a gente quer. É difícil, muito difícil... E não é só professor não, é diretor, inclusive outras funcionárias que são bem preconceituosas.

De fato, grande parte dos educadores não sabem como lidar com os alunos gays. É preciso qualificar os educandos, bem como inserir à diversidade de gênero incluído no currículo de formação de novas professoras e professores para que possam futuramente desenvolver estratégias de resistência ao currículo heteronormativo.

A omissão e o silenciamento por parte da escola, significam pactuar com a violência exercida contra estudantes gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. A escola deve ser também um espaço de formação de cidadania e de respeito aos direitos humanos, assim as (os) docentes devem ser encorajados a assumir sua responsabilidade no combate a todas as formas de preconceitos e discriminação que permeiam o espaço escolar.

A escola como espaço social tem em sua natureza, as marcas da sociedade machista. As manifestações que fogem aos padrões hegemônicos de masculinidade tendem a ser descaracterizadas, discriminadas e segregadas. Assim, no espaço educativo, as manifestações de violência contra os sujeitos ditos diferentes passam a ser uma prática comum, principalmente, pela prática do bullying e da homofobia que percebemos fazer parte do dia a dia dos/as jovens, na medida em que outras pessoas passam a tratá-los/as com diferença e desrespeito

O ENSINO DE HISTÓRIA NA DESCONSTRUÇÃO DE PRECONCEITOS

Nos últimos anos, houve um avanço significativo acerca da importância dos saberes que alunos e professores trazem para a sala de aula, sendo esses interferentes no modo como ambos os sujeitos constroem novos conhecimentos a partir daquilo que lhes é oferecido como fontes (livro didático, filmes, imagens, jornais, música entre outros) dentro do ambiente escolar.

Entretanto, apesar dos sujeitos envolvidos no ambiente escolar possuírem e interpretarem o mundo através de representações oriundas dos mais diversos grupos aos quais participam em suas vidas, a escola é um espaço de fundamental importância, onde essas representações também são construídas e (re) construídas mediante o processo de aprendizagem. Ou seja: os sujeitos escolares trazem suas visões de mundo que, na escola, podem sofrer transformações resultando assim, em novas formas de ver a realidade, ou, em

outras palavras, podem ressignificar a realidade na qual se inserem. (SCHMIDT & CAINELLI, 2009, pag. 47).

Nessa perspectiva, a disciplina de História deve tornar-se fundamental para a compreensão dos processos históricos a partir de uma visão crítica, e para sua articulação da história com a realidade, já que o presente é resultado dos acontecimentos históricos. Sendo assim, a disciplina de História possui um papel de extrema relevância na construção da cidadania. Ensinar História é um papel sempre desafiador para o professor, levando em consideração que no ambiente escolar, é composto por estudantes de distintas origens, idades, orientação sexual, entre outros.

Com toda essa diversidade inseridas nas salas de aula, o professor possui um papel fundamental na condução do trabalho escolar. De acordo com Schmidt & Cainelli :

No ensino de História é fundamental tomar a experiência do aluno como ponto de partida para o trabalho com os conteúdos, pois é importante que também o aluno se identifique como sujeito da história e da produção de conhecimento histórico”. Nesse sentido, tanto os professores quanto o material didático disponível devem atender a prerrogativa de que a História é feita por todos os seres humanos e que suas vivências são importantes e contributas nessa construção (. (SCHMIDT & CAINELLI, 2009, pag. 47)

Partindo do pressuposto de que a História é construída por todos os seres humanos, torna-se necessário destacar que, ao se tratar de metodologia e escolha de conteúdo, existe a necessidade de ambas serem adaptadas aos interesses daqueles que integram o ambiente escolar, primordialmente o estudante. Nesse sentido, é preciso considerar aquilo que a disciplina de História possui como objetivo, segundo as orientações curriculares para o Ensino Médio nas Ciências Humanas, capítulo 3.

(...) o ensino de História, articulando-se com as outras disciplinas, busca oferecer aos alunos possibilidades de desenvolver competências que os instrumentalizem a refletir sobre si mesmos. Podemos dizer que, para além da possibilidade de reflexão individual, a disciplina e o ensino aprendizagem da História, busca explicar tanto as permanências e as regularidades das formações sociais quanto as mudanças e as transformações que se estabelecem no embate das ações humanas. (BRASIL, 2006, pag.73)

Desse modo, os alunos podem, através do ensino de história, utilizar determinados conceitos da história e das ciências humanas como ferramenta simbólica para superação de determinados processos de alienação, ainda muito presente em nossa sociedade. A promoção

para a igualdade na sociedade se faz por meio do entendimento das várias demandas de sujeitos, com suas diferentes identidades e orientações sexuais. Nesse sentido, é esperado da escola, um trabalho que ultrapasse as barreiras da sexualidade, no intuito de desconstruir a ideia de única e padronizada, acerca da heterossexualidade, visto que ela tem sido tratada com certo privilégio em relação às demais orientações, conforme Ressalta Louro:

O trabalho com a homoafetividade na perspectiva histórica e voltada para o ensino tem mais esta tarefa a cumprir, atribuir identidade aos rostos anônimos que preencheram campos de concentração ou mesmo que frequentaram as esquinas de nosso passado. A identidade homossexual foi marginalizada historicamente principalmente pelo silêncio, sendo, portanto, um método reverso aquele de sanar tal falha pela identificação destes indivíduos por aquilo que eles eram: gays e lésbicas. No entanto, que isso não seja confundido com atribuição de privilégio, mas entendido como expressão maior de que todo ensino, mesmo que não se aceite, é político e feito, sempre, pela orientação do presente (LOURO, 2009, p. 89).

‘ Aceitar-se homossexual, apesar da crescente conscientização de que se trata apenas de uma singularidade, ainda é um problema para muitas pessoas, sobretudo, para os adolescentes. Numa sociedade que rejeita quem não se enquadra em modelos, ser homossexual é tão difícil, como fazer parte de qualquer outra minoria. E infelizmente, por questões como violência, dificuldade de aprendizagem, muitos estudantes LGBTs preferem abandonar os estudos. Sendo assim, o professor de história possui um papel central para lidar e ajudar esses alunos, fazendo com que eles percebam que ser Lesbicas, Homossexuais, Bissexuais Travestis e /ou Transexuais não é motivo de vergonha e mais do que isso, esses jovens possam entender que eles também são objetos e sujeitos da história.

Apostar em um ensino de história que abra espaço para os diversos sujeitos, em suas diversas expressões e dimensões sejam elas apolíneas, dionisíacas e/ou herméticas, significa apostar em um ensino de história que se aventure em caminhos teórico-metodológicos mais abertos a novas possibilidades, incluindo discussões historiográficas mais controversas, como a volta da narrativa, o acolhimento dos mitos, a relação entre história e ficção, entre história e memória.

Além disso, significa também discutir o acolhimento das diversas dimensões temporais e espaciais, da importância da história do cotidiano, da importância de o professor ter conhecimento da (s) sua (s) concepção (ões) historiográficas, para que se possa, em conexão com as inovações historiográficas, incorporar o indivíduo comum.

Diante de uma realidade tão dura e complexa, milhares de estudantes LGBTs sofrem violência diariamente. Assim, para mudarmos essa realidade tão lamentável, é preciso que os professores falem e problematizem sobre as questões de gênero e sexualidade com os seus alunos. Além disso, é importante que esses estudantes deixem de ser coadjuvante na encenação história, sem necessariamente banir os heróis que por tanto tempo foram os atores principais da história ensinada na Educação Básica.

Portanto, incluir referências a questões de gênero nas escolas é dar sinal verde para o aprimoramento da qualidade da educação, superação das desigualdades e preconceito, e combate à exclusão escolar. Nesse sentido, é extremamente relevante, que o professor de História trabalhe com esses conteúdos em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Homofobia caracteriza o medo e o resultante desprezo pelos homossexuais que alguns indivíduos sentem. Para muitas pessoas é fruto do medo de elas próprias serem homossexuais ou de que os outros pensem que o são. O termo é usado para descrever uma repulsa pelas relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, um ódio generalizado aos homossexuais e todos os aspectos do preconceito heterossexista (opressão paralela, que suprime os direitos de lésbicas, gays e bissexuais) e da discriminação anti-homossexual. Diante tanta violência, (inclusive presente dentro do âmbito escolar) muitos alunos LGBTs optam por deixar a escola.

O acesso à educação é garantido pela constituição a todos os estudantes. E a escola que respeita as diversidades, é a que contribui para um novo pacto social no qual todos têm direito a fazer parte dele. O respeito à diversidade atende as preocupações de construir um modelo educacional inclusivo, em que se garante o acesso e a permanência de qualidade. A diversidade é pedagógica, enquanto nós não educamos as pessoas, e não apenas nas escolas com programas de combate a homofobia, mas nas ruas, nas igrejas, nas empresas, sobre o que é a diversidade e como a convivência com ela é benéfica para todos, não teremos avanços significativos. Precisamos ter, antes de leis, a sociedade do lado da diversidade.

Para a construção de uma escola e de uma sociedade verdadeiramente democrática torna-se necessário o combate a toda forma de preconceito e, entre elas, a homofobia,

capacitando e sensibilizando toda a comunidade escolar no combate a qualquer tipo de discriminação.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIOÇO, T. DINIZ, D. (Orgs.). **Homofobia & educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres: EdUnB, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96**. Brasília: 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12014.htm#art1. Acesso em: 20 ago. 2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo, Scipione, 2010

EPSTEIN, D.; JOHNSON, R. **Sexualidades e Instituição escolar**. Madrid: Ediciones Morata, 2000.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Assassinatos de Homossexuais (LGBT) no Brasil**: Relatório 2014 Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/%0brelatc3b3rio-homicidios-2014.pdf> Acesso:19/08/2017.

MEC. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Volume 3, Secretaria da Educação Básica, 2006

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.

RIOS, Roger Raupp. Homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: JUNQUEIRA, Rogério D. (Org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009. p 53-83.

WEEKS, J. O Corpo e a Sexualidade. IN: LOURO, Guacira L.(org.), **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.